

Ruim com elas, pior sem elas

Cenatexto

*M*eira, mulher de Eduardo, dá o último retoque na casa. O marido já deve estar chegando com um casal amigo. São eles: Tina, com quem fora criada na roça, e Euclides, aquele nosso conhecido produtor rural. Eles vêm passar alguns dias na cidade e ficarão hospedados na casa de Eduardo e Meire. Euclides vem acertar alguns negócios e sua mulher vai aproveitar para uma visita ao médico. Umas dorezinhas que a incomodam. Ei-los, de mala e cuia, entrando pelo portão:

- Tina, sua ingrata, há quanto tempo você me deve esta visita! Como vai, Euclides? - exclama Meire, toda beijando e abraços.

- Meire, que prazer encontrá-la bonita e com saúde! Já eu, minha filha, estou cheia de mazelas. Umas dores dos diabos nas cadeiras. Aperta dum lado, dói do outro...

Euclides entra na conversa.

- Você a conhece, não é, Meire? Teimosa feito uma mula. Não é de hoje que estou falando pra vir consultar.

Eduardo intervém:

- É mesmo, Tina. De vez em quando a gente tem que fazer uma manutençãozinha. Mas vem cá pra sala, Euclides. Deixa essas duas em paz, falando mal da gente, que temos que botar as nossas conversas em dia.



Os dois se acomodam na sala.

- Pois é, Eduardo. Como eu ia falando, agora inventaram uma tal de cooperativa que não sei, não. Tô com meu pezinho atrás ainda...

- Mas a cooperativa é a solução ideal para o homem do campo. Sozinho, a gente consegue quase nada na vida. À medida que a coisa caminhar, você muda o pensamento.

- O nosso presidente, o Zezé, é um menino muito sério. E você, o que está aprontando?

- Continuo naquela firma. Outro dia até tive uma raiva danada. Pedi um adiantamento de salário pra dar uma entrada na compra desta casinha, meu maior sonho, e ganhei um não do tamanho de suas terras.

- É, compadre, se a gente não correr atrás, ninguém joga nada na nossa porta.

Na cozinha, enquanto prepara a comida especial para aquele sábado alegre, Meire desabafa com Tina.

- Pois é, Tina, o Eduardo continua o mesmo. Aquele mesmo moleção que me namorava lá na roça, com você servindo de vela. Muito bom, muito carinhoso, inteligente, mas meio irresponsável. Seu salário não é ruim, mas o bandido é descontrolado que nem ele só. Imagine que o safado outro dia deixou de pagar a luz e não é que me deixaram mais de dois dias no escuro?

- Inda bem que você é muito controlada...

- Mas não deixei por menos, porque não estou morta. Ele ficou até uns dias emburrado comigo. Bati o pé que ia trabalhar pra ajudar no orçamento da casa. Embora ele não queira, estou trabalhando. Não só estou fazendo as unhas das amigas, como também estou aceitando até umas costuras.

- Você está costurando?!

- Estou, coisa pouca, mas estou. No início, ele esperneou feito um maluco, ficou macho da vida. Só depois que percebeu o dinheirinho que eu juntava pra pagar a prestação de nossa choupana, o danado amansou. Comigo é assim. Ou vai ou racha. Já nasci assim, estouradona, e não há jeito de mudar.

- É uma bela casa, mulher! O jardinzinho, aquela bica no quintal, essas galinhas, o canto do canário na varanda...

Na sala, Eduardo reclama.

- Pois é, Euclides. A mulher cismou de trabalhar. Está aí fazendo umas roupas e, nos fins de semana, é um montão de dondoca pra ela fazer unha. Eu não gosto disso. Mulher deve é enfeitar a casa, transformá-la num reduto de amor. Quem tem que sustentar a casa é o marido, mas a coisa está feia. A vida está tão difícil, que a gente acaba aceitando. Eu aceitei.

- Ué, mas você não estava enchendo a bola da cooperativa, falando que a união é que faz a gente crescer? Em casa é assim também. Todo mundo tem que se virar. Sua mulher está certa.

- Está mesmo. Eu sou muito avacalhado, pois dinheiro não pára na minha mão. E a danadinha, de tostão em tostão, juntou um dinheirinho pra ajudar na prestação de nossa casa.

- Não falei? A minha mulher também dá um duro desgraçado. Isso que ela tá sentindo é um "jeito" que pegou carregando ração pras galinhas. E vai falar pra não fazer...

- É verdade. Ruim com elas, pior sem elas.

A risada é interrompida pelo grito de Meire.

- Comida na mesa, seus fominhas! Chega de fofocar!

Dicionário

1. Tina e Euclides, gente da roça, humilde e trabalhadeira, têm um linguajar característico daquela gente. Explique o que pretendem dizer com estas frases. Consulte seu dicionário.

a) *Umas dores dos diabos nas cadeiras.*

.....

b) *Isso que ela tá sentindo é um jeito que pegou...*

.....

2. *Ei-los, de mala e cuia, entrando pelo portão.* Observe como o dicionário apresenta os verbetes *mala* e *cuia*.

mala. *s.f.* 1. Saco de ouro, lona, madeira, pano fechado ou não com cadeado ou chave, utilizado para levar em viagem roupa, papéis e outros objetos. 2. *bras.* Caixa de madeira ou outro material revestido de couro ou lona usada para o mesmo fim. 3. *sul* Os testículos. 4. *chul.* O estômago. 5. *s.m.* Denominação dada ao encantador de serpentes.

cuia. *s. f.* 1. Fruto produzindo pela cuieira, também denominado *cuité* ou *cuietá*, de que é obtida uma tinta negra; é empregado para fazer vasilhas diversas. Casca desse fruto, depois de seca. Vasilha confeccionada com esse fruto. Vasilha onde se prepara o mate. *Juntar as cuias:* mudar-se. 2. Espécie de almofada de cabelos postiços, que fazia parte de certo penteado feminino. 3. Diz-se da, ou a medida de capacidade para secos, cujo valor é de 1/32 de alqueire.

Observe que o uso das duas palavras na Cenatexto forma uma expressão bastante popular. Escreva o seu significado.

.....

3. Veja como o dicionário registra o verbebo *emburrar*.

emburrar. [de *en* + *burro* + *ar*] *v.t.d.* 1. Tornar estúpido; embrutecer. *int.* 2. Parar, empacar como um burro. 3. Amuar-se, embezerrar-se.

Teimosa feito uma mula.

Ele ficou uns dias emburrado comigo.

Com que sentido as palavras *mula* e *burro* são usadas na Cenatexto? Ao fazermos esse tipo de comparação, o que queremos dizer?

.....

.....

.....

Entendimento

1. Antigamente, e nas regiões mais interioranas em geral, o namoro era muito respeitoso. Os pais mantinham os namorados sob estreita vigilância. Eduardo e Meire não fugiram à regra. Indique de que maneira Meire sugeriu esse fato no texto.
2. Euclides tem suas dúvidas quanto à cooperativa. Quais são as dúvidas que ele tem?
3. Eduardo ficou *macho da vida* com uma atitude da esposa. Sua atitude é de fato tipicamente machista, mas ao conversar com Euclides ele tenta justificá-la. Quais os argumentos dele?
4. Que mudança de atitude houve por parte de Eduardo com as ações da mulher que resolveu trabalhar? O que o convenceu a aceitar a atitude da esposa?
5. Observe esta fala de Meire sobre o marido: – *Pois é, Tina, o Eduardo continua o mesmo. Aquele mesmo moleção que me namorava lá na roça, com você servindo de vela. Muito bom, muito carinhoso, inteligente, mas meio irresponsável. Seu salário não é ruim, mas o bandido é descontrolado que nem ele só. Imagine que o safado outro dia deixou de pagar a luz e não é que me deixaram mais de dois dias no escuro?*
Você acha que as palavras usadas por ela para caracterizar as atitudes de Eduardo eram de raiva ou de carinho? Justifique sua resposta.

Os últimos parágrafos foram escritos de uma forma muito informal, principalmente pouco romântica em relação às mulheres. Reescreva todo o trecho, fazendo com que os dois personagens se expressem de maneira mais elegante, principalmente tratando as mulheres com a consideração e o respeito que os autores românticos devotavam a elas. Leia o trecho e depois faça sua reescritura:

Reescritura



– *Ué, mas você não estava enchendo a bola da cooperativa, falando que a união é que faz a gente crescer? Em casa é assim também. Todo mundo tem que se virar. Sua mulher está certa.*

– *Está mesmo. Eu sou muito avacalhado, pois dinheiro não pára na minha mão. E a danadinha, de tostão em tostão, juntou um dinheirinho pra ajudar na prestação de nossa casa.*

– *Não falei? A minha mulher também dá um duro desgraçado. Isso que ela tá sentindo é um jeito que pegou carregando ração pras galinhas. E vai falar pra não fazer...*

– *É verdade. Ruim com elas, pior sem elas.*

Após o início do texto, continue:

Ora, você não elogiava tanto a cooperativa, falando que a união é que faz a gente crescer?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Aprofundando

1. Você estudou em aulas anteriores as **orações coordenadas**. Vamos a uma revisão. Indique nos parênteses a classificação das orações em destaque de acordo com a numeração apresentada:
 - (1) Coordenada assindética
 - (2) Coordenada sindética aditiva
 - (3) Coordenada sindética adversativa
 - (4) Coordenada sindética alternativa
 - (5) Coordenada sindética conclusiva
 - (6) Coordenada sindética explicativa

a) *Eu sou muito avacalhado, pois dinheiro não pára na minha mão.* ()

b) *Aperta de um lado e dói do outro.* ()

c) *Quem tem que sustentar a casa é o marido, mas a coisa está feia.* ()

d) *Em casa é assim também, logo sua mulher está certa.* ()

e) *Ou vai ou racha.* ()

f) *Não só estou fazendo as unhas das amigas como também estou aceitando umas costuras.* ()

g) *Pedi um adiantamento de salário, ganhei um não do tamanho de suas terras.* ()
2. Você estudou também as **orações adverbiais**, aquelas orações subordinadas que funcionam como um **adjunto adverbial**. Observe os períodos a seguir, analise as orações grifadas e enumere os parênteses de acordo com sua classificação:
 - (1) causal
 - (2) consecutiva
 - (3) comparativa
 - (4) conformativa
 - (5) condicional
 - (6) concessiva
 - (7) final
 - (8) proporcional
 - (9) temporal

a) *Pedi um adiantamento de salário para dar uma entrada na compra de uma casa...* ()

b) *No início, ele esperneou feito um maluco.* ()

c) *Como ia falando, agora inventaram uma tal de cooperativa ...* ()

d) *Embora ele não queira, estou trabalhando.* ()

e) *(...) se a gente não correr atrás, ninguém joga nada na nossa porta.* ()

f) *À medida que a coisa caminhar, você muda o pensamento.* ()

g) *Na cozinha, enquanto prepara a comida especial para aquele sábado alegre, Meire desabafa com Tina.* ()

h) *Não deixei por menos, porque não estou morta.* ()

i) *A vida está tão difícil que a gente acaba aceitando.* ()

É verdade. Ruim com elas, pior sem elas.

A frase de Eduardo, se bem que seguramente brincalhona, mostra o oposto do que os *autores românticos* pensavam sobre as mulheres. Eles idealizavam a figura feminina, colocando-a num pedestal. Era assim que a mulher era vista na primeira metade do século XIX.

No período literário que veio logo em seguida, o *Realismo/Naturalismo*, a coisa se modificou. Não havia idealização. O ser humano em geral era visto de uma maneira mais científica, condicionado pelo momento histórico, pelo ambiente, pela sua própria realidade genética.

1. Veja a seguir alguns trechos ou situações retirados da Cematexto. Você deverá relacioná-los a uma das escolas literárias, enumerando-as de acordo com os parênteses:

(1) *Romantismo*

(2) *Realismo/Naturalismo*

- a) *Você a conhece, não é Meire? Teimosa feito uma mula.* ()
- b) *Mulher deve é enfeitar a casa, transformá-la num reduto de amor.* ()
- c) *A minha mulher também dá um duro desgraçado.* ()
- d) *É uma bela casa. O jardinzinho, aquela bica de água no quintal, essas galinhas, o canto do canário na varanda...* ()
- e) *Já nasci assim, estouradona, e não há jeito de mudar.* ()

